



O bom professor na perspectiva da geração Z: uma análise sob a percepção dos discentes de Ciências Sociais Aplicáveis

Área Temática: Temas Livres em Gestão, Atuária e Contabilidade Geral – TEM

DOI: <https://doi.org/10.29327/1680956.11-97>

Sérgio José de Andrade

Universidade Federal de Pernambuco (UFPE)

sergio.jandrade@ufpe.br

Caio Ferreira da Silva Batista

Universidade Federal de Pernambuco (UFPE)

E-mail: caio.batista@ufpe.br

Pedro Henrique de Albuquerque Nascimento

Universidade Federal de Pernambuco (UFPE)

E-mail: pedro.albuquerque@ufpe.br

Talita Silva Bezerra

Universidade Federal de Pernambuco (UFPE)

E-mail: Talita.sbezerra@ufpe.br

Resumo

Observa-se que os estudantes que atualmente ingressam nas Instituições de Ensino Superior (IES) pertencem a uma geração com características distintas das anteriores. A chamada Geração Z, significativamente mais exposta à tecnologia desde a infância, apresenta comportamentos, atitudes e preferências moldadas por esse contexto digital. Considerando esse cenário, a presente pesquisa teve como objetivo identificar as características atribuídas ao bom professor (ou professor exemplar), segundo a percepção dos discentes dos cursos da área de Ciências Sociais Aplicadas. As características avaliadas no instrumento de pesquisa foram baseadas em estudos prévios e contemplaram aspectos como conhecimento, didática e comportamento docente. A coleta de dados foi realizada por meio de um questionário eletrônico, enviado via e-mail aos estudantes, obtendo-se 63 respostas, o que corresponde a aproximadamente 12% da população-alvo. Os resultados revelam que, individualmente, as características mais valorizadas pelos alunos estão Capacidade de explicar e ao Conhecimento e domínio do conteúdo. Esses achados sugerem que, embora atributos tradicionais como conhecimento e didática continuem sendo essenciais, a atual geração de estudantes valoriza significativamente a qualidade da relação interpessoal com o professor, bem como a integração de tecnologias no processo de ensino-aprendizagem.

Palavras-Chave: Docente. Bom Professor. Ensino. Aprendizagem. Tecnologia.

1 INTRODUÇÃO

Pesquisas realizadas ao longo dos anos buscaram captar quais as características de um bom professor (ou professor exemplar) sob a ótica discente (Marsh, 1991; Lowman, 2007; Pan et al., 2009). Contudo, investigações científicas dessa natureza encontram em si mesmo motivação para seguir adiante, uma vez que o perfil de um bom professor para determinado público pode não ser igual para outro (Reichel; Arnon, 2009), o que proporciona uma série de novas investigações alterando o público-alvo de acordo com suas características (gênero, idade, cultura etc.) visando obter a convergência dos resultados.

Dentre os fatores que podem influenciar na opinião discente, pode-se observar que a geração a que os alunos pertencem torna-se um importante ponto a ser analisado. Os integrantes da Geração Z (também chamados Nativos Digitais) apresentam características típicas de sua época, pois tiveram contato com a tecnologia (computadores, vídeo-game etc.) desde a infância, os fazendo ter mais facilidade ao lidar com novas tecnologias (Santos e Lisboa (2014).

No entanto, a geração Z que ingressa no ensino superior defronta-se com docentes de gerações anteriores (Geração Y ou *Millennials*), que não tiveram a mesma formação tecnológica por terem se desenvolvido em um período em que a tecnologia era pífia se comparada a do período atual. Nesse (des) encontro de gerações, podem ocorrer algumas divergências, pois os professores desejam ensinar baseados nos modelos com os quais aprenderam em outras épocas e os alunos desejarem um aprendizado diferente do ofertado (Prensky, 2001). Nesse impasse, essa nova geração poderia definir novos quesitos e características para o perfil de um bom professor, que então seria divergente das gerações anteriores.

Nesse sentido, esta pesquisa busca trazer algumas luzes sobre as qualidades que os alunos entendem como sendo pertinentes a um bom professor. Dessa forma, a pesquisa é norteada pela seguinte questão de pesquisa: **“Quais as características do bom professor sob a ótica dos discentes da área de Ciências Sociais Aplicadas da geração Z?”** Objetiva-se com essa investigação definir as características que os discentes da geração Z, que cursam os cursos de Ciências Econômicas e Administração, atribuem ao bom professor.

Esta investigação se justifica por oferecer subsídios aos docentes acerca dos atributos mais valorizados pelos alunos da nova geração. Ao compreender essas preferências, os professores poderão refletir sobre sua prática pedagógica e buscar aperfeiçoá-la. A identificação dessas características permitirá delinear os principais aspectos a serem desenvolvidos, favorecendo uma maior sintonia entre o perfil docente e as expectativas dos estudantes contemporâneos.

Ressalta-se que algumas críticas foram realizadas ao longo dos anos sobre a competência dos alunos em realizar tal avaliação, argumentando-se que são imaturos e lhes faltaria experiência para essa análise, ficando restrito a apenas outros professores (pares), de mesmo nível, a capacidade de executar tal julgamento. Contudo, a literatura demonstrou que não há fundamento para essa conclusão, sendo tal afirmativa apenas um mito (Aleamoni, 1999). Baseado nesse fundamento, foram utilizados dados coletados junto aos discentes dos cursos de Ciências Econômicas e Administrativas de um polo de educação de uma universidade federal localizado na cidade de Caruaru, PE.

É imprescindível destacar que a avaliação docente observada neste trabalho restringe-se à atuação como professor (educador), pois constantemente os docentes são submetidos à avaliação em relação à sua performance em sala de aula, no trabalho como educadores, e

também quanto ao desempenho como pesquisadores, analisando os níveis de publicações em periódicos e eventos científicos. Sob essa perspectiva, a avaliação para cada uma dessas abordagens deve ser diferente, pois excelentes professores podem não ter mesmo sucesso na área de pesquisa (Marsh; Hattie, 2002).

Considerando esse resultado, a investigação deste trabalho será direcionada somente para a atuação do professor no processo de ensino-aprendizagem, não sendo considerada a produção científica. Não que esta não mereça atenção, mas o direcionamento abordado na pesquisa não permitirá a avaliação do docente enquanto pesquisador.

Para melhor organização do relatório científico, este trabalho foi dividido em cinco partes, sendo a primeira a abordagem introdutória do trabalho. Em seguida será realizado um levantamento do arcabouço teórico que fundamenta o assunto e, na sequência, apresenta-se a metodologia utilizada no desenvolvimento da pesquisa. Por fim, demonstram-se a análise dos dados e considerações finais, sendo que nesta última parte relatam-se os resultados da pesquisa, suas limitações e também as sugestões para novas investigações.

2 REFERENCIAL TEÓRICO

A avaliação que o aluno faz do bom professor pode sofrer influências de fatores que vão além dos aspectos didáticos, podendo incluir até mesmo fatores culturais (Reichel; Arnon, 2009). Greenwald e Gillmore (1997), analisando ainda os fatores que podem influenciar na avaliação do docente, apontam que o desempenho dos estudantes nas avaliações influencia na avaliação do professor. Dessa forma, se os alunos atingem boas notas com determinado professor, tendem a atribuir a ele um melhor *score*. Contudo, não há um consenso na literatura sobre esse achado, pois Pan et al. (2009) apresentaram resultados contrários a esta influência. Mesmo considerando esta inconsistência encontrada na literatura, não há riscos de contaminação dos resultados da avaliação discente na avaliação do professor na presente pesquisa, visto que esta não analisará um professor em específico, mas solicitará uma avaliação em geral das características de um bom professor (ou professor de referência).

Na definição das características do bom professor já foram utilizadas pesquisas tanto com abordagens qualitativas (Pan et al., 2009) quanto quantitativas, com uso de ferramentais estatísticos (Marsh, 1991). Independente da abordagem metodológica, as pesquisas apresentam alguns pontos convergentes, principalmente no tocante a algumas características, como conhecimento profundo e facilidade de comunicação do conteúdo.

Considerando que cada característica é uma variável, e sendo assim, ter-se-ia uma infinidade de variáveis para analisar, alguns pesquisadores (Marsh, 1991; Amaral et al., 2006) utilizaram-se da análise fatorial para criar pequenos agrupamentos de variáveis (fatores ou constructos). Marsh (1991) argumenta que com um número pequeno de fatores, dois ou três, é possível abranger todas as características atribuídas aos bons professores. Contudo, outras pesquisas, apresentam múltiplas dimensões.

Como se pode verificar, as investigações sobre esse tema já são realizadas há algumas décadas. Portanto, é possível na literatura existente as características dos bons professores baseados nas pesquisas com gerações anteriores. O presente trabalho não tem a pretensão de ser o ponto final destas pesquisas, nem de mudar a visão sobre os resultados obtidos até então. Mas objetiva, sim, complementar ou contribuir com os achados das pesquisas empíricas já realizadas, considerando fatores atinentes a uma nova geração, que tem uma relação com a tecnologia bastante distinta das demais, o que afeta a forma como se relacionam e como aprendem.

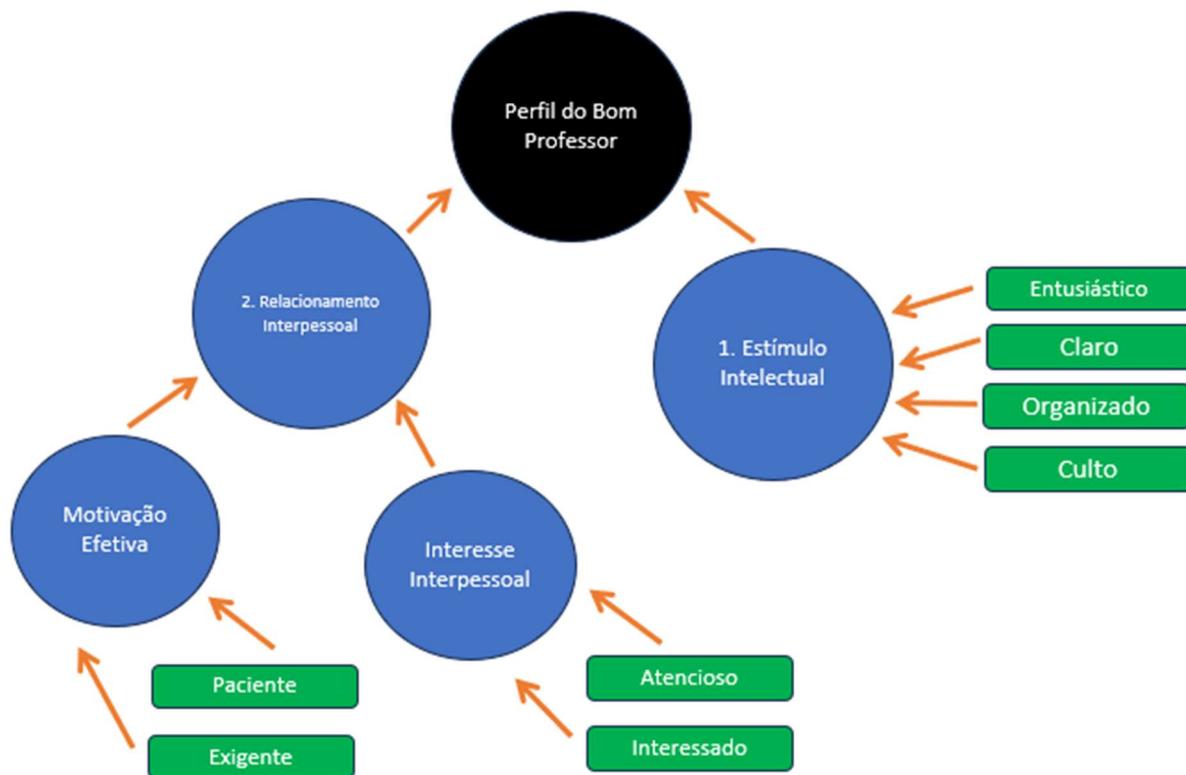
No decorrer deste referencial, serão apresentadas algumas abordagens já consolidadas na literatura, analisando o enfoque dado ao assunto e as contribuições que se pode verificar a partir destes trabalhos.

2.1 Características do Bom Professor

Em suas pesquisas, Lowman (2007) propôs um modelo bidimensional de efetividade do ensino, desenvolvido a partir da análise de 25 professores considerados exemplares. Essas observações foram realizadas no início dos anos 1980, abrangendo diferentes disciplinas ministradas em faculdades localizadas na Carolina do Norte e na região da Nova Inglaterra.

De acordo com o modelo bidimensional proposto por Lowman (2007), a qualidade do ensino está diretamente ligada à capacidade do professor universitário de promover tanto o estímulo intelectual quanto a empatia interpessoal com seus alunos. Dessa forma, o docente que demonstra domínio nessas duas dimensões tende a ser amplamente reconhecido como um professor de excelência.

Figura 1 - Modelo Bi-dimensional de Lowman



Fonte: Adaptado de Lowman (2007, p. 50).

O estímulo intelectual, segundo Lowman (2007), envolve dois aspectos principais: a clareza na apresentação do professor e a sua capacidade de provocar impacto emocional nos estudantes. Parte-se, portanto, do pressuposto de que o docente domina o conteúdo que leciona. Quando o professor demonstra domínio do assunto e consegue transmiti-lo de forma clara, aumenta significativamente as chances de alcançar o objetivo de promover a



aprendizagem. Contudo, conhecer o conteúdo não se resume a memorizar informações isoladas; é essencial que o docente seja capaz de explorá-lo de diferentes perspectivas, analisando, comparando e confrontando conceitos de maneira crítica e aprofundada (Lowman, 2007).

Além de transmitir os conteúdos com clareza, o professor considerado exemplar precisa engajar os alunos, utilizando a voz, os gestos e os movimentos corporais como recursos para captar a atenção, mantê-la e despertar emoções nos estudantes (Lowman, 2007).

Para Melo et al. (2019), contudo, envolver os alunos em sala de aula é uma tarefa desafiadora, já que o ambiente está repleto de estímulos e distrações que competem pela atenção dos estudantes. Essa dificuldade se intensifica quando o próprio aluno chega à aula já fadigado pela rotina de trabalho, o que compromete significativamente sua capacidade de concentração. Em consonância com essa visão, estudos indicam que estudantes que trabalham ou estagiam tendem a apresentar um desempenho acadêmico inferior — medido pela média acumulada — em relação aos colegas que não exercem atividades profissionais, devido ao tempo mais limitado para se dedicar aos estudos (Cunha et al., 2010).

Ao refletir sobre essa segunda dimensão, é comum que venham à mente lembranças de professores que mantinham uma postura mais próxima dos alunos, contrastando com aqueles que adotavam uma atitude mais distante, utilizando sua posição de liderança em sala de aula para estabelecer uma barreira no relacionamento com os estudantes. Esse afastamento pode influenciar negativamente o desenvolvimento da disciplina, desviando-a dos objetivos propostos pelo docente, especialmente quando o aluno passa a priorizar apenas a obtenção de notas, em detrimento do aprendizado. Para Farias et al. (2010), uma possível solução está na atuação do professor como parceiro no processo de ensino-aprendizagem, o que tende a gerar resultados mais positivos.

A segunda dimensão do modelo bidimensional refere-se ao relacionamento interpessoal. De acordo com Lowman (2007, p. 44), as salas de aula constituem "arenas interpessoais complexas, nas quais uma variedade de reações emocionais pode influenciar tanto o quanto se aprende quanto a forma como os participantes se sentem em relação a isso". Essa dimensão aborda a sensibilidade do professor diante das dinâmicas interpessoais presentes em sala, destacando que sua habilidade de comunicação com os alunos pode aumentar a motivação e o envolvimento, contribuindo significativamente para o processo de aprendizagem. Nesse contexto, Lowman (2007) propõe duas estratégias: a primeira consiste em evitar estímulos emocionais negativos, como ansiedade e hostilidade direcionada ao professor; a segunda, em promover emoções positivas, fazendo com que os alunos se sintam respeitados e reconhecidos como indivíduos capazes.

Entre as diversas competências necessárias ao ensino no século XXI, Perrenoud (2000) destaca a importância do uso das novas tecnologias. Segundo o autor, é indispensável considerar a realidade do mundo contemporâneo, incorporando, sempre que possível, os recursos tecnológicos ao ambiente escolar. Perrenoud (2000) enfatiza ainda que a formação docente deve contemplar, de forma específica, habilidades como o uso de ferramentas multimídia no processo de ensino e a comunicação a distância por meio da telemática, entre outras competências associadas às tecnologias da informação e comunicação.

As capacitações docentes incluem o uso de ferramentas multimídia no processo de ensino, a comunicação a distância por meio da telemática, entre outros recursos.



Neste mesmo sentido, Coelho et al. (2014) afirmaram que se torna cada vez mais necessário que o docente se aproprie dos recursos tecnológicos, dinamizando o processo de ensino-aprendizagem de acordo com o mundo atual.

Em concordância, Kemshal Bell (2001), ao analisar as competências necessárias para o professor *online*, destaca a presença da variável domínio de tecnologia como uma das habilidades técnicas imprescindíveis ao docente (como utilizar e-mail, chat, conteúdo web, etc).

Ao investigar o uso da tecnologia no processo de ensino-aprendizagem, Whale (2006) observou que apenas 20% das escolas analisadas incluíam esse aspecto na avaliação docente — com perguntas relacionadas ao uso da internet, de materiais eletrônicos, entre outros recursos digitais.

Após a apresentação das características do bom professor discutidas na literatura atual, o próximo tópico se dedicará à análise de alguns estudos que investigaram esse tema.

2.2 Análises Comparadas sobre o Perfil do Bom Professor no Cenário Nacional e Internacional

Van den Berg, Admiraal & Pilot (2006) investigaram as percepções dos estudantes em cursos de ensino superior na Holanda e concluíram que, além do domínio técnico, os estudantes valorizam a abordagem humanística e a capacidade do professor de promover um ambiente de aprendizado colaborativo.

Chism (2006), ao analisar programas de premiação docente nos Estados Unidos, identificou como mais recorrentes as seguintes características atribuídas aos professores considerados exemplares: (a) habilidades de comunicação, (b) organização, (c) altos padrões de ensino, (d) definição clara de objetivos, (e) entusiasmo, (f) uso de estratégias para engajar os estudantes e (g) foco no desenvolvimento de habilidades cognitivas superiores. O autor observa que outras qualidades, embora mencionadas com menor frequência, também aparecem, como o respeito à diversidade e o uso de tecnologias. Ainda segundo o estudo, outros critérios frequentemente destacados incluem a capacidade do professor de “estimular os alunos e envolvê-los na busca do conhecimento e da compreensão, motivá-los e demonstrar preocupação com seu desenvolvimento pessoal e intelectual” (Chism, 2006, p. 594).

Pan et al. (2009) analisaram as avaliações escritas realizadas por estudantes da *National University of Singapore* a respeito de seus professores. Com base nesses dados, os autores selecionaram os docentes mais bem avaliados e identificaram os 20 descritores positivos mais recorrentes nas avaliações, agrupando-os conforme sua frequência de menção.

Entre as dez principais características identificadas, destacam-se aspectos relacionados ao conhecimento, à didática e ao relacionamento interpessoal com os alunos, tais como: a capacidade de despertar o interesse, ser acessível, explicar com clareza, demonstrar domínio do conteúdo, estar disposto a ajudar, ser amigável e paciente. Tais atributos, portanto, estão em consonância com elementos já apontados por Lowman (2007).

Oliveira & Silva (2012), realizando uma revisão sistemática sobre docentes universitários, na área acadêmica em geral, destacaram entre as principais características: o relacionamento positivo com alunos, comunicação eficiente, empatia, participação e envolvimento. Tais habilidades sociais são vistas como tão relevantes quanto as competências científicas.



Em estudo realizado com estudantes brasileiros, Plutarco e Gradvohl (2010) identificaram, por meio de uma escala de 1 (sem importância) a 10 (muito importante), as médias atribuídas pelos discentes do curso de Administração às competências docentes. Os resultados revelaram as seguintes pontuações: Didática (8,89), Conhecimento Teórico (8,25), Experiência de Mercado (8,15), Exigência (7,78) e Relacionamento (7,75).

Em síntese, é possível observar que as pesquisas apresentadas convergem em diversos aspectos, destacando-se características como didática, domínio do conteúdo (conhecimento e experiência), habilidade para despertar o interesse e manter a atenção dos alunos, além de um relacionamento positivo, paciência e disposição para ajudar, entre outras.

Após analisar as características do bom professor presentes na literatura, o próximo tópico tem como objetivo aprofundar o entendimento sobre as particularidades da Geração Z, que constitui a maior parte do público discente universitário (BRASIL, 2023).

2.3 Estudos sobre as Características dos Estudantes da Geração Z

A Geração Z é conhecida também como: como nativos digitais, geração on-line, geração líquida, geração internet, geração pontocom, geração conectada, geração Facebook, geração silenciosa, entre outras denominações (Csobanka, 2016). Essa geração é composta por pessoas nascidas a partir de 1990 (Melo et al., 2019). Investigações científicas recentes definiram algumas das características marcantes dos integrantes da Geração Z (ou nativos digitais) nos últimos anos. Nesse sentido, sob a ótica de Santos & Lisboa (2014), algumas características marcam esta geração, sendo elas: imediatismo e compreensão de novos conteúdos. Ainda é destacado por Kapil & Roy (2014) a característica de multitarefas, fazendo-os realizar diversas atividades de forma simultânea.

De outro ponto de vista Jones (2012) cita que os indivíduos desta geração tendem a mudar de atenção de forma rápida. O autor destaca que a concentração muda facilmente, passando de uma atividade para outra em segundos, dando ideia de multitarefas.

Em relação a sua infância, destaca-se que eles aprenderam a manusear computadores, celulares, videogames etc., sempre tendo à sua disposição navegadores web, mensagens instantâneas, banda larga e comunicação sem fio (Kapil & Roy, 2014).

Outra característica decorrente dessa naturalidade ao lidar com tecnologia, os ajuda a desenvolver capacidades e características relativas a esses estímulos (Santos e Lisboa, 2014).

Contudo, uma característica marcante da Geração Z é o uso intenso de tecnologia. Essa geração apresenta uma maior necessidade de acesso a redes sociais, computadores, smartphones, mensagens instantâneas e outros recursos tecnológicos, dedicando várias horas diárias a essas atividades. Por terem crescido imersos nesse ambiente tecnológico desde a infância, começando, por exemplo, com o videogame, eles adquiriram uma familiaridade e domínio dessas ferramentas superiores aos das gerações anteriores. Como consequência, a forma como se relacionam com os meios digitais mudou o relacionamento com o trabalho, já que os indivíduos da geração Z buscam felicidade e prazer com o trabalho (Ozkan e Solmaz, 2015).

No tocante à sua liderança, Colet et al (2015) destaca que eles almejam cargos de liderança a curto prazo, o que os diferencia das demais gerações. Nesse sentido, preferem liderar em empresas que se enquadrem inovadoras, com novos modelos de negócios, como por exemplo as startups (Melo et al., 2019).



Em resumo, pelos resultados expostos anteriormente, pode-se esperar dessa geração indivíduos voltados para o trabalho mais orgânico, com muita vontade de crescer, autoconfiantes e proficientes em tecnologia. Por esta geração ter características marcantes que a diferencia das gerações anteriores, pode-se esperar que estes atribuam ao bom professor características específicas, tendo uma visão diferente das gerações anteriores, o que reforça a relevância desta investigação.

Após a apresentação dos estudos anteriores sobre as características da Geração Z, o próximo tópico concentra-se na descrição dos aspectos metodológicos, incluindo a classificação, abordagem, métodos e técnicas de pesquisa adotados, entre outros elementos que estruturam a organização do trabalho científico.

3 PROCEDER METODOLÓGICO

A pesquisa adotou uma abordagem exploratório-descritiva, buscando delinear as principais características atribuídas ao bom professor na percepção dos discentes dos cursos de graduação em Ciências Econômicas e Ciências Administrativas. Ademais, propõe-se a identificar o surgimento de novas variáveis associadas às transformações geracionais, especialmente aquelas decorrentes da crescente exposição à tecnologia.

A coleta de dados foi realizada por meio de questionário eletrônico, gerado em forma de *link* o qual foi preenchido pelos respondentes diretamente na plataforma do *Googleforms* sendo que os alunos foram convidados a participar da pesquisa por meio de mensagem enviada via aplicativo instantâneo de mensagens *WhatsApp*, no período de 17 a 25 de julho de 2025.

A tela inicial do questionário apresentava o termo de consentimento - TCLE, que informava aos alunos sobre a finalidade do questionário, sigilo dos dados, fornecendo telefone e e-mail que poderiam utilizar para entrar em contato com os pesquisadores. E por fim, caso concordassem com a pesquisa, clicavam em um link e eram direcionados ao questionário.

Asseverando este procedimento, Prodanov e Freitas (2013), afirmam que atualmente os pesquisadores têm utilizado os meios eletrônicos para facilitar, agilizar e reduzir os custos das pesquisas.

O questionário foi dividido em duas partes, na primeira os alunos respondiam à questões referentes ao seu perfil pessoal, profissional e acadêmico (gênero, idade, atuação profissional, graduação cursada, entre outras informações) e em seguida eram direcionados para as afirmativas sobre as características que são importantes para um bom professor.

As afirmativas foram construídas com base nos estudos de Lowman (2007), Marsh (1991), Pan et al. (2009) e Melo et al. (2012), os quais abordam características associadas a bons professores. Além disso, foram adicionadas questões relacionadas ao uso de tecnologias, fundamentadas nas contribuições de Whale (2006), Kemshal-Bell (2001) e novamente Melo et al. (2012). Por fim, decidiu-se incluir também aspectos relacionados à aparência física dos docentes — como tom de voz e asseio pessoal — a partir de adaptações da pesquisa de Melo et al. (2012).

As afirmativas eram respondidas em uma escala do tipo Likert de 5 pontos (de 1 - totalmente irrelevante até 5 - totalmente relevante), onde o respondente indicava a relevância de cada uma das afirmativas para o perfil do bom professor. O público-alvo da pesquisa foi composto por alunos dos cursos de graduação em Ciências Econômicas e Ciências Administrativas, de um centro acadêmico de uma universidade federal situado na cidade de Caruaru-PE. A população para a qual foram enviados o formulário era composta por 1.028

alunos. Contudo, recebeu-se como resposta o total de 63 questionários, aproximadamente 6% de retorno. No processo de análise dos dados, utilizou-se o software RStudio versão 2025.05.1+513, além do Microsoft Excel para tabulação dos dados e geração de tabelas e quadros para efeito de Estatística Descritiva. Algumas das técnicas estatísticas aplicadas estão demonstradas a seguir (Tabela 1) e justificadas as razões que levaram à sua escolha.

Tabela 1 – Testes estatísticos utilizados

Estatística	Finalidade
Descritiva (Frequência, Média, Desvio Padrão)	Caracterizar o perfil da amostra (gênero, idade, curso, etc.) e identificar as tendências gerais na percepção dos alunos, hierarquizando os fatores mais e menos valorizados.
Alfa de Cronbach	Analisa a consistência interna e a confiabilidade de cada um dos quatro fatores teóricos (Planejamento, Relacionamento, etc.), garantindo que os itens de cada grupo medem o mesmo conceito.
Correlação de Spearman (Intra-fatores) (Perfil vs. Fatores)	Validar a estrutura dos fatores, verificando se as perguntas que foram agrupadas em um mesmo fator estavam positivamente correlacionadas entre si.
	Investigar se existe uma relação de tendência entre as características do perfil do aluno (ex: idade, período no curso) e a importância que ele atribui a cada um dos quatro fatores.

Fonte: Dados da Pesquisa (2025)

Após a explicitação do processo de coleta de dados e dos procedimentos estatísticos adotados, apresentam-se, a seguir, as características da amostra investigada, com o objetivo de delinear o perfil dos respondentes.

5 APRESENTAÇÃO E ANÁLISE DOS RESULTADOS

4.1 Perfil Dos Respondentes

Em relação ao público pesquisado, os alunos eram de dois cursos diferentes, pois a área de ciências sociais aplicadas deste polo tem apenas os cursos de Economia e Administração sendo ofertados atualmente. Os respondentes foram 63 alunos, sendo que destes, 48% (30) pertencem ao gênero feminino, enquanto 52% (33) ao gênero masculino.

Em relação à idade, a grande maioria dos alunos concentrou-se na faixa etária entre 18 e 23 anos (Tabela 1). Analisando as idades, e utilizando o conceito de geração Z como os nascidos a partir de 1995 até 2010 (Meirinhos, 2015).

Tabela 2 – Faixa etária dos respondentes

Faixa Etária	Fi	Fi%
18 a 20 anos	32	51%
21 a 23 anos	22	35%
24 a 25 anos	5	8%
26 a 30 anos	2	3%



Menos de 18 anos	2	3%
Total	63	100%

Fonte: Dados da Pesquisa (2025)

A respeito do tipo de Escola onde cursou o 2º grau os respondentes indicaram em sua maioria absoluta ter estudado em escola pública, conforme tabela 2, o que parece configurar um padrão para as universidades federais após a adoção de políticas sociais de inclusão para classes menos favorecidas. Segundo Lobregatte (2024), dados da PNAD Educação do IBGE indicam que 72,6% dos estudantes que cursam ou já cursaram o ensino superior no Brasil vieram de escolas públicas, reflexo das políticas de cotas e assistência estudantil.

Tabela 3 – Tipos de escola

Tipo de Escola	Fi	Fi%
Escola particular	6	10%
Escola pública	57	90%
Total	63	100%

Fonte: Dados da Pesquisa (2025)

Quando questionados sobre a série que cursavam, os alunos matriculados do 1º e 3º ano somaram 57% dos respondentes (Tabela 3) estando, portanto, em uma etapa inicial do curso.

Tabela 4 – Período do Curso

Período da Graduação	Fi	Fi %
Do 1º ao 3º	36	57%
Do 4º ao 6º	17	27%
Do 7º ao 9º	10	16%
Total	63	100%

Fonte: Dados da Pesquisa (2025)

Já em matéria de atividades fora da sala de aula, 57% informaram que, além de estudar, exercem atividade remunerada fora da sala de aula (Tabela 4). Este dado, entretanto, se mostrou destoante em relação ao que informa a PNAD Educação do IBGE (2025), em que apenas 16,4 % dos jovens de 15 a 29 anos trabalhavam e estudavam simultaneamente em 2024.

Tabela 5 – Perfil profissional dos respondentes

Atuação Profissional	Fi	Fi %
Somente Estudo	26	41%
Estudo e trabalho até 20 horas por semana	18	29%
Estudo e trabalho até 30 horas por semana	10	16%
Estudo e trabalho mais que 30 horas por semana	9	14%
Total	63	100%

Fonte: Dados da Pesquisa (2025)



Referente ao curso em que o respondente está matriculado a maior parte dos respondentes, 71% indicou ser estudante da graduação em administração, refletindo uma proporção parecida com a proporção de alunos que constam nos registros da universidade para o núcleo de gestão deste polo, sendo aproximadamente 510 alunos somando estas duas graduações.

Tabela 6 – Graduação cursada

Curso	Fi	Fi %
Administração	45	71%
Economia	18	29%
Total	63	100%

Fonte: Dados da Pesquisa (2025)

Percebe-se, portanto, um grupo mais jovem, em um momento mais inicial do curso (apenas 57% estão nos dois primeiros anos do curso), e com a maioria (59%) trabalhando.

Após a apresentação sucinta do perfil dos respondentes, considerando faixa etária, série do curso e atuação profissional, o próximo tópico abordará os resultados obtidos a partir da análise dos dados referentes às características atribuídas ao bom professor, segundo a percepção dos discentes participantes da pesquisa.

4.2 Análise das Características do Bom Professor

Iniciando a análise dos resultados da pesquisa, apuraram-se as médias de todos os itens do questionário, assim como seu desvio-padrão e outras medidas da estatística descritiva (mediana, mínimo, máximo e soma), apresentados na Tabela 4. Verifica-se que Capacidade de explicar (clareza nas explicações) aparece como primeira característica mais relevante, seguida do Conhecimento da Teoria (domínio do conteúdo). Sendo assim, analisando as características isoladamente, os bons professores são aqueles que, além de ter a capacidade de explicar, tem conhecimento da teoria e domínio do conteúdo.

Bühler (2010) através de estudo etnográfico com professores considerados bons em escolas brasileiras destaca práticas pedagógicas que combinam conhecimento teórico-prático e relacionamento interpessoal empático, fatores também aplicáveis na área de Administração.

De forma similar, uma pesquisa realizada com estudantes brasileiros de Ciências Contábeis revelou resultados convergentes, ao identificar que, entre cinco competências avaliadas: didática, conhecimento teórico, experiência de mercado, exigência e relacionamento, sendo que o relacionamento foi a que recebeu a menor média. Por outro lado, a didática e o conhecimento do professor foram destacados como os aspectos mais valorizados (Gradvohl et al., 2009). Esses achados reforçam a ideia de que, para ser um bom professor, não basta apenas manter um bom relacionamento com os alunos; é imprescindível também desempenhar efetivamente a função docente, por meio do ensino e da transmissão do conteúdo, conforme descrito no Quadro 1, abaixo:

Quadro 1 – Características do Bom Professor

Nº	Característica	Média	Desvi o-padrão	Media na	Míni mo	Máxi mo	Soma

		0					
1	Capacidade de explicar (clareza nas explicações)	4,79	0,45	5	3	5	302
2	Conhecimento da Teoria (domínio do conteúdo)	4,59	0,5	5	4	5	289
3	Ser respeitoso e Amigável	4,3	0,85	5	2	5	271
4	Capacidade de despertar interesse	4,29	0,75	4	3	5	270
5	Ligaçao entre teoria e prática	4,22	0,77	4	3	5	266
6	Demonstrar preparo antecipado para o desenvolvimento das atividades em sala	4,1	0,84	4	2	5	258
7	Ser atencioso, Compreensível e Paciente	4,03	0,86	4	2	5	254
8	Entusiasmo para transmitir o conteúdo	3,95	0,96	4	2	5	249
9	Dar feedback rápido	3,86	0,95	4	2	5	243
10	Utilizar e-mail, Google Classroom, etc.	3,7	0,99	4	2	5	233
11	Ser bem-humorado e simpático	3,65	0,99	4	2	5	230
12	Empregar plataformas de mensagens instantâneas como recurso de comunicação	3,63	1,07	4	1	5	229
13	Utilizar software para prática	3,49	0,93	3	1	5	220
14	Ser exigente e desafiador	3,24	0,73	3	2	5	204
15	Ter tom de voz agradável	3,22	1,29	3	1	5	203
16	Integrar o uso da internet nas aulas e autorizar seu uso pelos alunos	3,13	0,99	3	1	5	197
17	Utilizar vídeos nas aulas	2,87	0,92	3	1	5	181
18	Vestir-se bem ou ser elegante	2,03	0,93	2	1	4	128
19	Ter beleza física	1,32	0,56	1	1	3	83

Fonte: Elaboração Própria (2025)

Esses resultados ajudam a iniciar a desconstrução do mito de que o professor mais popular é necessariamente o melhor docente. Embora os alunos valorizem o relacionamento pessoal com o professor, fica evidente que essa dimensão isolada não é suficiente para definir um bom professor: ser simpático e manter diálogo com os estudantes não basta se, em sala de aula, o conteúdo relevante e esperado por eles não for efetivamente transmitido.

As características físicas foram os atributos menos valorizados, como ter beleza física, vestir-se bem ou ser elegante e utilizar vídeos nas aulas. Nesse sentido, percebe-se que essas características não são significativas na definição de um bom professor.

Por outro lado, vários aspectos ligados ao domínio e à utilização da tecnologia foram bem avaliados pelos alunos. Por exemplo, o uso do e-mail figura entre os 15 itens mais valorizados. Outros aspectos relacionados à tecnologia incluem o uso de softwares práticos, a incorporação da internet nas aulas e a permissão para que os alunos utilizem computadores durante as atividades.

Após a análise de todas as variáveis de maneira isolada, realizou-se o Alfa de Cronbach com a finalidade de analisar a consistência interna e a confiabilidade de cada um



dos quatro fatores teóricos (Planejamento, Relacionamento, etc.), garantindo que os itens de cada grupo medem o mesmo conceito, conforme se vê no quadro 1:

Quadro 2 – Alpha de Cronbach (Características Bom Professor)

Grupo 1: Planejamento, Conhecimento e Didática (Habilidades Pedagógicas) (0,72)	Grupo 2: Relacionamento (Habilidades Interpessoais) (0,75)
Conhecimento da Teoria (domínio do conteúdo)	Ser respeitoso e Amigável
Capacidade de explicar (clareza nas explicações)	Ser atencioso, Compreensível e Paciente
3. Ligação entre teoria e prática	Dar feedback rápido
4. Demonstrar preparo antecipado para o desenvolvimento das atividades em sala	Ser bem-humorado e simpático
6. Capacidade de despertar interesse	
8. Entusiasmo para transmitir o conteúdo	
10. Ser exigente e desafiador	
Grupo 3: Tecnologia (Uso de Ferramentas Digitais) (0,78)	Grupo 4: Atributos Pessoais (0,55)
Utilizar e-mail, Google Classroom, etc.	Ter tom de voz agradável
Utilizar software para prática	Vestir-se bem ou ser elegante
Integrar o uso da internet nas aulas e autorizar seu uso pelos alunos	Ter beleza física
Utilizar vídeos nas aulas	
Empregar plataformas de mensagens instantâneas (WhatsApp, Telegram, Messenger) como recurso de comunicação	

Fonte: Elaboração Própria (2025)

Como resultado desse teste estatístico é aceito resultado superior a 0,7 (Pallant, 2005; Hair et al., 2005). Contudo, alguns autores aceitam construtos com resultado acima de 0,5.

Sob essa perspectiva, observa-se que os três primeiros construtos — planejamento, relacionamento e tecnologia — apresentaram confiabilidade interna com coeficientes superiores a 0,7. Já o último construto, atributos pessoais, obteve resultados entre 0,5 e 0,6, valor que pode ser considerado aceitável por alguns autores, mas questionado por outros. Nesta pesquisa, optou-se por incluir os quatro construtos nas análises subsequentes, pois todos atingiram o valor mínimo de 0,5 no teste de Alpha de Cronbach. Assim, com base nesses resultados, o perfil do bom professor está sintetizado na Figura 2.

Figura 1 – Características do Bom Professor (Alpha de Cronbach)



Fonte: Elaboração Própria (2025)

Na abordagem multidimensional proposta por Marsh (1991), características como clareza nas explicações e materiais bem elaborados estão agrupadas em um mesmo fator, denominado organização e clareza. Já os atributos pessoais, como ser amigável e atenciosos, compõem um fator distinto, também são encontrados dentro do fator de comportamento individual, concordando com os achados desta pesquisa.

Avançando na análise desses fatores para a compreensão da definição de bom professor, verifica-se que o fator relacionamento contribui para explicar aproximadamente 39% do perfil do bom docente. Esses resultados indicam que os universitários da Geração Z, caracterizados por preferirem o coletivo em detrimento da hierarquia (Lombardía et al., 2012), atribuem grande importância às qualidades relacionadas ao relacionamento interpessoal dos professores (conforme apresentado na Tabela 5).

Outro fator relevante, que representa cerca de 6% da explicação do perfil do bom professor, está relacionado ao uso da tecnologia, posicionando-se como o terceiro fator de destaque. Considerando-se os três primeiros fatores — relacionamento; planejamento, conhecimento e didática; e tecnologia —, estes explicam conjuntamente cerca de 57% do perfil do bom professor (Tabela 5).

A inclusão da variável tecnologia no perfil do bom professor está em consonância com o perfil da Geração Z, cuja familiaridade e intimidade com recursos tecnológicos constituem uma das características mais marcantes dessa geração (Pew Research Center, 2010).

Já referente aos testes de correlação de *Spearman*, A tabela 8 apresenta correlações entre diferentes variáveis de perfil dos respondentes (como gênero, curso, tipo de escola, período, faixa etária) e quatro fatores:

- Fator_Didatica
- Fator_Relacionamento
- Fator_Tecnologia
- Fator_Pessoais

Tabela 7 – Coeficiente de Correlação (*Spearman*)

Perfil	Fator Didatica	Fator Relacionamento	Fator Tecnologia	Fator Pessoais
Gênero (Feminino)	0.207	0.248	0.345**	0.192
Gênero (Masculino)	-0.207	-0.248	-0.345**	-0.192
Curso (Administração)	0.136	0.160	0.204	0.156
Curso (Economia)	-0.136	-0.160	-0.204	-0.156
Escola (Pública)	-0.051	-0.062	-0.055	-0.102
Escola (Particular)	0.051	0.062	0.055	0.102
Período (1º ao 3º)	0.175	0.132	0.188	0.112
Período (4º ao 6º)	-0.112	-0.007	-0.105	0.006
Período (7º ao 9º)	-0.102	-0.170	-0.127	-0.159
Faixa Etária (Menos de 18)	0.110	0.090	0.088	0.106
Faixa Etária (18 a 20)	0.069	0.139	0.222	0.069
Faixa Etária (21 a 23)	0.007	-0.198	-0.261*	-0.154
Faixa Etária (24 a 25)	-0.032	0.181	0.112	0.170

Faixa Etária (26 a 30)	-0.278*	-0.229	-0.185	-0.146
------------------------	---------	--------	--------	--------

Nota: * $p < .05$, ** $p < .01$, *** $p < .001$

Fonte: Elaboração Própria (2025)

Os valores representam os coeficientes de correlação de *Spearman*, que variam entre -1 e 1. Valores próximos de 1 indicam correlação positiva forte, e próximos de -1, correlação negativa forte.

A notação com asteriscos (por exemplo, 0.345**) sugere que houve significância estatística. Com relação ao gênero o gênero feminino teve correlação positiva com todos os fatores, especialmente com o Fator Tecnologia: 0.345** → Significativa. Isso sugere que estudantes do gênero feminino tendem a valorizar mais o uso da tecnologia no ensino. Já o sexo Masculino apresentou os mesmos valores com sinal invertido, o que é esperado.

Com relação ao Curso, alunos de Administração mostraram correlação levemente positiva com todos os fatores, com destaque para o Fator Tecnologia: 0.204 (não marcada como significativa, mas ainda positiva), enquanto que alunos de Economia aparecem com correlação negativa, como contraponto.

Referente ao tipo de escola, os coeficientes aqui são bem baixos, o que sugere pouca ou nenhuma associação entre tipo de escola de origem (pública ou particular) e os fatores analisados.

Já referente ao período em que os alunos estão cursando, os respondentes do início do curso (1º ao 3º período) têm correlação mais positiva com os fatores, especialmente com o Fator Didática (0.175), Fator Tecnologia (0.188), enquanto que os alunos do final do curso (7º ao 9º período) têm correlações negativas, principalmente com o Fator Relacionamento (-0.170) e o Fator Pessoais (-0.159). Isso pode sugerir que alunos mais novos são mais receptivos aos estilos de ensino e à tecnologia, enquanto os mais antigos são mais críticos ou exigentes.

Observando a Faixa Etária, os alunos menores de 18 anos têm correlações levemente positivas em todos os fatores, mas sem destaque relevante entre os diversos fatores estudados.

De uma forma geral, as correlações se mostraram baixas ou moderadas, como geralmente se espera em pesquisas com comportamento/percepção, tal como afirma Kraus (1995). O único valor destacado como estatisticamente significativo foi a correlação entre gênero feminino e o fator tecnologia, o que pode indicar uma percepção mais positiva das mulheres quanto ao uso da tecnologia em sala de aula.

Os estudantes mais jovens e dos períodos iniciais parecem ter uma tendência mais positiva em relação aos fatores avaliados. Esta tendência é asseverada por Hetl (2017): “Tendências qualitativas indicam que estudantes mais jovens e em fases iniciais do curso demonstram percepções mais positivas ou maior abertura às experiências acadêmicas, o que contrasta com estudantes maduros, cujo foco recai sobre demandas externas à universidade (HETL; *New Directions in the Teaching of Physical Sciences*, 2017).”

Para determinar a influência de cada um dos fatores na definição do perfil de um bom professor, poderiam ser empregadas análises estatísticas mais robustas, como regressão múltipla ou modelagem por equações estruturais. No entanto, em razão de limitações relacionadas ao tamanho da amostra e à fragilidade da fundamentação teórica consolidada para alguns constructos, como as características físicas, optou-se por não avançar nesse tipo de análise nesta etapa da pesquisa. Dessa forma, abrem-se perspectivas para investigações



futuras, sugerindo-se, inclusive, a ampliação da amostra com a inclusão de discentes de outros cursos, como Ciências Contábeis, a fim de aprofundar e ampliar a compreensão sobre o tema.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A presente pesquisa objetivou definir “Quais as características do bom professor sob a ótica dos discentes de Ciências Sociais Aplicadas de um polo de educação de uma universidade federal na cidade de caruaru-PE pertencentes à geração Z?”. Com vistas a isso, buscou-se ao longo do referencial teórico apresentar os resultados da literatura para a definição do bom professor e uma abordagem sobre as características da geração Z, que apresenta perfil diferente das gerações precedentes.

Para responder à questão de pesquisa, utilizou- se uma abordagem quantitativa, coletando dados com os discentes dos cursos de Ciências Econômicas e Administrativas um polo de educação de uma universidade federal na cidade de caruaru-PE, por meio de questionário eletrônico. Para a análise dos dados, utilizaram- se estatística descritiva e Alfa de Cronbach, Analisar a consistência interna e a confiabilidade de cada um dos fatores teóricos agrupando as características dos professores em constructos.

Em complemento, utilizou-se o teste de correlação de *Spearman* para investigar se existia uma relação de tendência entre as características do perfil do aluno (ex: idade, período no curso) e a importância que ele atribui a cada um dos quatro fatores.

A análise dos resultados permite inferir que algumas características fundamentais do bom professor, como conhecimento e didática, permanecem constantes ao longo do tempo. No entanto, evidenciam-se demandas específicas das novas gerações, especialmente da Geração Z, por posturas docentes mais próximas, horizontais e menos hierárquicas — aspecto refletido na valorização do constructo "relacionamento". Além disso, nota-se uma expectativa crescente pela incorporação de tecnologias no ambiente de ensino.

Dante disso, recomenda-se que futuras pesquisas aprofundem a compreensão sobre as dinâmicas de comportamento e relacionamento entre docentes e estudantes da Geração Z. O objetivo é verificar, de forma mais sistemática, a relevância atribuída ao relacionamento interpessoal no processo de ensino-aprendizagem, considerando a possibilidade de que os estudantes valorizem um modelo de atuação docente mais colaborativo e participativo, no qual o professor se posicione como parceiro na construção do conhecimento.

REFERÊNCIAS

ALEAMONI, Lawrence M. Student rating myths versus research facts from 1924 to 1998. *Journal of Personnel Evaluation in Education*, v. 13, n. 2, p. 153–166, 1999.

AMARAL, Patricia F.; CARDOSO, Ricardo L.; BENEDICTO, Gideon C.; CASSARO, Maria C. A. Ensino aprendizagem na área de Educação Contábil: uma investigação teórico-empírica. In: CONGRESSO USP DE CONTROLADORIA E CONTABILIDADE, 6., 2006, São Paulo. Anais [...]. São Paulo: USP, 2006.

BRASIL. Ministério da Educação. *Censo da Educação Superior 2010: resumo técnico*. Brasília, 2012.



CECHETTINI, Eliane El Badouy. Introdução. In: VERAS, Marcelo (org.). *Inovação e métodos de ensino para nativos digitais*. São Paulo: Atlas, 2011.

CHISM, Nancy Van Note. Teaching awards: what do they award? *The Journal of Higher Education*, v. 77, n. 4, p. 589–617, jul./ago. 2006.

CUNHA, Jacqueline V. A.; CORNACHIONE JUNIOR, Edgard B.; DE LUCA, Márcia M. M.; OTT, Ernani. Modéstia de alunos de graduação em Ciências Contábeis sobre o desempenho acadêmico: uma análise pela ótica da teoria da autoeficácia. In: CONGRESSO USP DE CONTROLADORIA E CONTABILIDADE, 10., 2010, São Paulo. Anais [...]. São Paulo: USP, 2010.

FARIAS, G.; FARIAS, C. M.; FAIRFIELD, K. D. Teacher as judge or partner: the dilemma of grades versus learning. *Journal of Education for Business*, n. 85, p. 336–342, 2010.

FAVERO, L. P.; BELFIORE, P.; SILVA, F. L.; CHAN, B. L. *Análise de dados: modelagem multivariada para tomada de decisões*. Rio de Janeiro: Elsevier, 2009.

FEIERTAG, Jeff; BERGE, Zane L. Training Generation N: how educators should approach the Net Generation. *Education + Training*, v. 50, n. 6, p. 457–464, 2008.

GRADVOHL, Renata F.; LOPES, Francisca F. P.; COSTA, Francisco J. O perfil do bom professor de contabilidade: uma análise a partir da perspectiva de alunos de cursos de graduação. In: CONGRESSO USP DE CONTROLADORIA E CONTABILIDADE, 9., 2009, São Paulo. Anais [...]. São Paulo: USP, 2009.

GREENWALD, Anthony G.; GILLMORE, Gerard M. Grading leniency is a removable contaminant of student ratings. *American Psychologist*, v. 52, n. 11, p. 1209–1217, 1997.

HAIR JR., Joseph F. et al. *Análise multivariada de dados*. 5. ed. Porto Alegre: Bookman, 2005.

HETL. Age and students' approaches to learning at university. *Higher Education Teaching and Learning Portal*, ano não informado. Disponível em: <https://www.hetl.org/age-and-students-approaches-to-learning-at-university/>. Acesso em: 20 jul. 2025.

IBGE. Jovens que trabalham e estudam no Brasil: dados da PNAD Educação. *Agência Brasil*, 13 jun. 2025. Disponível em: https://www1.folha.uol.com.br/educacao/2024/03/brasil-tem-96-milhoes-de-jovens-sem-estudar-nem-trabalhar-aponta-pnad.shtml?utm_source=chatgpt.com. Acesso em: 15 jun. 2025.

KRAUS, S. J. Attitudes and the prediction of behavior: a meta-analysis of the empirical literature. *Personality and Social Psychology Bulletin*, v. 21, n. 1, p. 58–75, 1995. <https://doi.org/10.1177/0146167295211007>.

KEMSHAL-BELL, Guy. The online teacher: final report prepared for the Project Steering Committee of the VET Teachers and On-line Learning Project, ITAM, ESD, TAFENSW. Department of Education and Training, TAFE NSW, 2001.



LOBREGATTE, Priscila. Mais de 70% dos universitários fizeram ensino médio público. *Agência Brasil*, 16 jun. 2025. Disponível em: <https://vermelho.org.br/2025/06/16/mais-de-70-dos-universitarios-fizeram-ensino-medio-publico/>. Acesso em: 25 jul. 2025.

LOMBARDÍA, Pilar G.; STEIN, Guido; PIN, José R. Políticas para dirigir a los nuevos profesionales: motivaciones y valores de la generación Y. Barcelona: IESE, Business School, 2008. Disponível em: <http://www.iese.edu/research/pdfs/DI-0753.pdf>. Acesso em: 20 fev. 2012.

LOWMAN, Joseph. *Dominando as técnicas de ensino*. São Paulo: Atlas, 2007.

MARSH, Herbert W. Multidimensional student's evaluations of teaching effectiveness: a test of alternative higher-order structures. *Journal of Educational Psychology*, v. 83, n. 2, p. 285–296, 1991.

MARSH, Herbert W.; HATTIE, John. The relation between research productivity and teaching effectiveness: complementary, antagonistic or independent constructs? *The Journal of Higher Education*, v. 73, n. 5, p. 603–641, set./out. 2002.

MCALISTER, Andrea. Teaching the millennial generation. *American Music Teacher*, v. 40, n. 3, p. 13–15, 2009.

MEIRINHOS, Manuel. Os desafios educativos da geração Net. *Revista de Estudios e Investigación en Psicología y Educación*, n. 13, p. 125–129, 2015.

NEW DIRECTIONS IN THE TEACHING OF PHYSICAL SCIENCES. Student perceptions of quality in higher education: effect of year of study, gender and ethnicity. *New Directions in the Teaching of Physical Sciences*, v. 12, n. 1, 2017.

OECD. *Students, computers and learning: making the connection*. Paris: OECD, 2015.

PALLANT, Julie. *SPSS survival manual*. 2. ed. Chicago: Open University, 2005.

PAN, D. et al. Profiling teacher/teaching using descriptors derived from qualitative feedback: formative and summative applications. *Research in Higher Education*, v. 50, n. 1, p. 73–100, 2009.

PERRENOUD, Philippe. *10 novas competências para ensinar*. Porto Alegre: Artmed, 2000.

PEW RESEARCH CENTER. *Millennials: confident, connected and open to change*. 2010. Disponível em: <http://pewsocialtrends.org/files/2010/10/millennials-confident-connected-open-to-change.pdf>. Acesso em: 10 fev. 2011.

PLUTARCO, Francisca F.; GRADVOHL, Renata F. Competências dos professores de administração: a visão dos alunos de cursos de graduação. In: ENCONTRO DA ANPAD, 34., 2010, Rio de Janeiro. Anais [...]. Rio de Janeiro: ANPAD, 2010.



PRENSKY, Marc. Digital natives, digital immigrants. *On the Horizon*, v. 9, n. 5, p. 1–6, 2001.

REICHEL, Nirit; ARNON, Sara. A multicultural view of the good teacher in Israel. *Teachers and Teaching: Theory and Practice*, v. 15, n. 1, p. 59–85, fev. 2009.

VAN DEN BERG, I.; ADMIRAAL, W.; PILOT, A. Design principles and outcomes of peer assessment in higher education. *Studies in Higher Education*, v. 31, n. 3, p. 341–356, 2006. Disponível em: <https://doi.org/10.1080/03075070600680836>. Acesso em: 15 jun. 2025.

VELOSO, Elza F. R.; DUTRA, Joel S.; NAKATA, Lina E. Percepção sobre carreiras inteligentes: diferenças entre as gerações Y, X e baby boomers. In: ENCONTRO DA ANPAD, 32., 2008, Rio de Janeiro. Anais [...]. Rio de Janeiro: ANPAD, 2008.

WHALE, David. Technology skills a criterion in teacher evaluation. *Journal of Technology and Teacher Education*, v. 14, n. 1, p. 61–74, 2006.

WORLEY, Karen. Educating college students of the Net Generation. *Adult Learning*, v. 22, n. 3, p. 31–39, verão 2011.